



Roda de Conversa sobre estratégias de Redução de Danos e demais contextos relacionados às terapêuticas e políticas públicas sobre drogas¹

Altieres Edemar Frei, Vilmar Ezequiel dos Santos, Bruno Ramos Gomes, Roberta Marcondes Costa, Thiago Calil e Isabela Umbuzeiro Valent

Considerações iniciais e apresentação dos participantes da roda de conversa

0’30” Altieres: Então, a ideia é a seguinte: faço mestrado lá na PUC, no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, e eles têm uma revista, que é o Cadernos de Subjetividade; estou ajudando com o Conselho Editorial, e uma das pautas que a gente levou foi a questão das drogas, tanto na perspectiva do tratamento e da legislação quanto [na perspectiva do] entendimento das drogas na subjetividade contemporânea. Foi proposto que a revista de 2013 tivesse um bloco de assuntos sobre o tema [...], e pensamos em convidar alguns setores da sociedade; pensei [inicialmente] no Coletivo Dar², e aí surgiu [esta] proximidade com o É de Lei. Tinha duas formas de fazermos: uma era o artigo, e outra coisa era uma roda de conversa, para ser mais espontâneo. O que a gente vai usar desse material, que pauta vamos usar, é uma coisa para construirmos juntos. Estava conversando com o Vilmar no caminho que uma das formas de a gente editar era transcrever, separar 10 ou 12 laudas, e o que tiver de mais interessante publicamos na íntegra. É um caminho. Outro caminho é recortar uns trechos e escrever um discurso, uma narração, em um trabalho quase jornalístico. Um terceiro caminho é colar livremente os fragmentos da conversa. É legal publicarmos em nome de todos nós que estamos na conversa [...] É um jeito de trabalharmos próximo

1 Gravamos esta conversa com um microfone Behringer C3 e uma interface de som M–Audio Fast Track, na sede do Centro de Convivência É de Lei, no último andar do edifício Galerias Presidente, na R. 24 de Maio, 65 em uma tarde de outono na metrópole paulistana. Optamos por tratar a conversa como produto híbrido: como o *podcast*, que pode ser acessado em <<https://soundcloud.com/enquantoacidadepulsa>> e como texto, aqui publicado. Participaram da conversa e foram autores deste produto todos os participantes, mas reconhecemos em nossas palavras o atravessamento e o sotaque de muitas outras vozes, de tantos outros sujeitos, coletivos e instituições.

2 Coletivo Desentorpecendo a Razão.



ao contexto do rizoma. Podemos, de acordo com a demanda de cada um, encaminhar a conversa com o que surgir.

4'36" Vilmar: questiona se precisamos nos identificar antes das falas.

5'26" Isabela: Mas também tem uma coisa que a produção vai ser coletiva, então o que está escrito..., não sei o que é necessário ser identificado. É um discurso produzido a partir de uma conversa.

5'59" Altieres: É um discurso sem sujeito, ou, no caso, a primeira pessoa está no plural. Esta é uma quarta via. Tudo bem? Então, vamos lá, uma rodada de apresentação: nome, formação, apresentação, por que você está aqui no outro lado do mundo das drogas, esse tipo de coisa.

7'18" Bruno: Sou o Bruno Ramos Gomes, psicólogo, mestrado em Saúde Pública, trabalho aqui no É de Lei tem quase dez anos, represento o CRP no Coned³, acho que é isso.

7'40" Roberta: Sou Roberta Marcondes Costa, sou antropóloga, trabalho aqui tem um ano e pouquinho: faço campo na Crackolândia junto com o Thika (Thiago Calil) e ajudo na parte de ensino, pesquisa e articulação política do É de Lei. Também sou membro do Coletivo Dar, um coletivo antiproibicionista que defende o fim da guerra às drogas.

8'08" Thiago: Sou o Thiago Calil, psicólogo também, trabalho no É de Lei desde 2004, no momento sou coordenador do núcleo de campo aqui, das ações que têm contato direto com o usuário que a gente atende; no momento estou fazendo mestrado em Saúde Pública.

8'30" Vilmar: Sou Vilmar Ezequiel dos Santos, sou psicólogo também, tenho uma trajetória nesta história da Redução de Danos desde Diadema, em 1996, com umas experiências junto com o Proad⁴; trabalhei bastante no ABC, no Movimento da Redução de Danos, bem no início dela. Trabalhei em Santo André, fiz o mestrado na Escola de Enfermagem da USP, Departamento de Saúde Coletiva, com o tema da Redução de Danos, como integrante de um grupo de pesquisa denominado "Desgaste e fortalecimento no trabalho e na vida: bases para intervenção em saúde coletiva", sob orientação da Professora Cássia

³ Conselho Nacional de Educação.

⁴ Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes – Departamento de Psiquiatria da Unifesp.



Baldini; busquei fazer uma análise das formas como estava se dando a redução de danos no Brasil a partir de uma leitura da literatura brasileira. Desde 2009 estou em São Paulo coordenando um Caps Álcool e Drogas, em Santana, um serviço novo na Região Norte. Defendi meu doutorado em abril na mesma escola, com o tema de valores, juventude e consumo de drogas numa perspectiva da saúde coletiva, de olhar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade.

9'50" Isabela: Sou Isabela Umbuzeiro Valent, sou Terapeuta Ocupacional, faço mestrado em Artes, trabalho na interface da cultura e das artes com projetos sociais de saúde em Redução de Danos, no É de Lei. Aqui eu coordeno o Núcleo de Cultura. Cheguei aqui para trabalhar em um Ponto de Cultura, que existe há três anos, coordenando a oficina de fotografia, e estou aqui até hoje.

10'25" Altieres: Sou Altieres Edemar Frei, psicólogo, estudei na Unesp/Assis. Fiz uma especialização em Semiótica Psicanalítica e Clínica da Cultura [pela PUC/SP], Programa de Aprimoramento em Saúde Mental e Saúde Coletiva [pela Secretaria Estadual da Saúde SP] e agora estou no mestrado, no Núcleo da Subjetividade. Estou trabalhando, até o momento, no Caps AD Santana há um ano e três meses, e agora vou para a Unidade de Acolhimento, uma espécie de Residência Terapêutica Especial para usuários de álcool e outras drogas.

O Centro de Convivência É de Lei

11'27" Altieres: Feitas estas apresentações, seria legal uma apresentação do É de Lei.

11'40" Bruno: O Centro de Convivência É de Lei é uma organização sem fins lucrativos que existe desde 1998 e que vem trabalhando na perspectiva da redução de danos com pessoas que usam drogas; começou trabalhando na perspectiva da prevenção da transmissão das DST/Aids, na adesão ao tratamento, troca de seringas e tal. Desde 2003, o É de Lei vem pensando práticas da redução de danos para além do usuário de drogas injetáveis, para além dos contextos que já acessava...

12'30" Thiago: ...uma característica forte do É de Lei é o espaço de convivência. Muitas das práticas de redução de danos têm essa ideia de você ir para campo e acessar o usuário no seu contexto de uso; o É de Lei



começou a fazer a troca de seringas em boates, baladas, festas na Zona Leste e os redutores, na época, perceberam que era difícil você estabelecer um vínculo mais forte com o usuário no lugar que estava usando. Decidiram criar um espaço onde o usuário pudesse vir e acessar a gente. É um espaço de redução de danos que tem essa via de mão dupla, onde a gente vai pra campo mas tem um espaço onde o usuário pode vir, conversar sobre o uso, sobre o cuidado, nessa perspectiva da redução de danos. O espaço de convivência é uma característica bem forte do É de Lei.

13'26" Bruno: A gente vem pensando em novas estratégias, novas formas..., desde desenvolver insumos para diferentes drogas em diferentes contextos, mas também pensar em contextos diferentes, da crackolândia até festas *raves*; e a gente vem, desde 2008 e 2009, buscando cada vez mais se aproximar na perspectiva de um trabalho em rede; em uma rede de serviços que a gente via que tinha uma dificuldade de pensar a questão das drogas, de lidar de uma forma menos moralista, mais efetiva. Daí, desde então, a gente vem trabalhando este diálogo com uma rede de serviços de uma forma diferente; nos aproximamos deste público em uma situação mais vulnerabilizada – aqui no É de Lei há uma população de albergados que é uma forma diferente de população de rua, em termos de organização. Além disso, a gente vem tentando sair de uma noção só de saúde, de prevenção, e pensar a redução de danos em um sentido mais amplo, incorporando cada vez mais a noção de cultura, oficinas.

15'30" Isabela: O Ponto de Cultura começou em 2010, com uma outra educadora que trabalhava aqui, junto com o programa Cultura Viva, que estava começando no MinC, e estou aqui desde 2011. Fomos aprendendo como a cultura vai entrando neste contexto. O interessante das ações nas oficinas aqui é que o público é quem está frequentando o Centro de Convivência, e isso vai dando outro sentido para aquilo que eles fazem aqui dentro da convivência. Então tem as oficinas, as produções... O que eu acho interessante é que a nossa proposta é muito diferente, há uma heterogeneidade no grupo, que tem a ver com essa ação transversal que a Redução de Danos vem propondo, que não é serviço para o dependente químico, para um público específico, mas é uma ação que vai atravessando públicos diferentes, desde uma pessoa que tem um uso mais problemático e traz isto, até alguns conviventes que não necessariamente trazem esta problemática do uso, ou do uso em si. Na oficina, a gente tem a convivência com todas essas pessoas, e vai produzindo ações culturais, produtos artísticos, vídeos, fotografias,



que em um primeiro momento ficaram ligados à problemática da rua, da vulnerabilidade social – até por conta de uma visão de quem proporcionava a oficina – e, quando a gente foi deixando mais aberto para o interesse dos participantes, eles foram criando coisas diversas: ficções com temas que a gente nem imaginava que existissem. Então tem essa função de fazer com que eles trabalhem juntos e que surjam temas do interesse de cada um e de um coletivo

17'40" Altieres: Eu vou disparando algumas coisas, mas vocês também fiquem à vontade para a gente tocar o rumo da conversa. Ainda sobre o É de Lei: de todas as muitas ações, as muitas formas que vocês foram tomando ao longo dessa existência institucional, no modo de entender [de vocês] qual foi “a menina dos olhos”, no sentido de muita coerência ou de uma aposta...

18'30" Roberta: ...de uma ação específica ou de uma forma...

18'45" Altieres: ...no geral. Por exemplo, eu participo de uma ação que o É de Lei organiza na sociedade, que é o Fórum Estadual de Redução de Danos; tem outras ações, como a produção de cultura – não na perspectiva da vulnerabilidade, mas de produzir arte no sentido aberto da coisa. É uma outra ação. Há a ação da convivência, de ter um espaço físico. E deve ter aí uma dúzia, duas dúzias que nem faço ideia. Mas, no entender de vocês, qual seria uma – dessas ações realizadas – que vocês destacariam?

19'20" Thiago: O que me fascinou, quando eu conheci o É de Lei e quis me envolver com o projeto, foi a linha da convivência, a troca com as pessoas com outra história de vida, que estão em uma outra realidade, em outro momento de vida. Foi uma coisa que, quando eu conheci, mexeu bastante comigo, e me fez querer me aproximar desta troca com a população, que eu via que era muito carregada de estigmas, que a sociedade não enxerga. Eu sempre pensei um pouco nesta população, e achei interessante esse modo de lidar com ela em relação ao uso de drogas... e até mais amplo que isso, o modo de você se aproximar, de ouvir, de trocar ideias, trocar experiências, essa via de mão dupla de experiências...

20'20" Roberta: Acho que todo mundo aqui, em momentos diferentes de vida, se aproximou por razões diferentes. Por exemplo, o Bruno e o Thika, que estão aqui há mais de 10 anos, acho que em alguns momentos



eles estavam mais fascinados com alguma coisa, em outros com outras... para mim, o que mais me fascina é o campo, ir para a Crackolândia. É o campo que eu curto fazer, que eu piro. Os usuários diferenciam muito a gente dos outros serviços, identificam a gente como alguém que não fala só de drogas, só para eles pararem de usar etc., entende? Nós somos as pessoas que vão pra lá, e trocamos ideia sobre tudo e qualquer coisa, sobre qualquer brisa, nossa, deles, e criamos outra relação com eles.

21'40" Bruno: Vou contar um exemplo de quando a Roberta estava em campo e um usuário veio perguntar para o outro: “ah, mas o que eles fazem? Eles dão albergue?” E o outro respondeu: “não, albergue é os carinhas de coletinho verde, eles são os que vem conversar, são gente boa...”

21'50" Roberta: O mais legal foi o Carlinhos⁵, que era um cara lá... que é do *rap*, que foi até em um evento que a gente fez de mídia, fez um *rap* para falar no evento, mas ficou com vergonha e não falou, e ele, nesse dia... estava eu e o Thika com um saco de manteiga de cacau distribuindo... daí chegou um cara e falou: “quem são esses caras aí? E ele falou: não, os que fazem curativo são aqueles ali, os do albergue aqueles, esses aí são os caras que acham que pensam que nem usuário. Eles vêm aqui e pensam o que a gente ia pensar...”

22'50" Thiago: Esse contato que eu acho super-rico, porque, por exemplo, a gente ouve falar, e acho que grande parte das pessoas entende dessa forma, que essas pessoas são os noia, os zumbis, a galera que não consegue fazer escolha por conta própria. E um dia desses a gente foi pra campo, à noite, e achei incrível: a gente chegou em um grupo onde estava um pessoal cozinhando uma comida lá, a Robertinha começou a jogar capoeira na rua com um cara que jogava capoeira, eu fiquei conversando com outro, do outro lado da rua tinha um trio fazendo samba, e eu senti que naquele momento não tinha ninguém fumando pedra, estava todo mundo ali vivendo, sentindo alegria, feliz, uma coisa super-rica que ninguém vê, ninguém enxerga, é isso que eu acho bem interessante...

23'50" Bruno: É... eu estava aqui pensando... enquanto você fez a pergunta eu fiquei pensando: “mas será, o que a gente faz mesmo?”, porque tem uma coisa da precariedade que atravessa o tempo desde que estou aqui, uma precariedade institucional, de dinheiro, de não conseguir oferta de cuidado com a equipe, daí eu pergunto: o que a gente faz na coisa

⁵ Não usaremos os nomes verdadeiros dos usuários, ou seus apelidos, para preservá-los.



prática? Porque a gente vai lá na rua, a gente tem um contato super próximo com o usuário, essa coisa de ver, conseguir, da convivência, de a gente estar junto mesmo, teve momentos que a gente viveu que eram bem mais precários que isto, a gente ficava trabalhando no computador e a galera do lado... e isso criava uma coisa que você vai entendendo meio que por osmose o que o cara tá falando, você está convivendo o tempo todo e acho que isso traz o um ponto de vista, que não vou dizer que é igual ao dos caras, mas é uma proximidade que eu acho muito rica. Mas ao mesmo tempo a gente tem uma dificuldade de falar: “não, eu vou te ajudar a cuidar das coisas”. Muitas vezes a gente fica mais convivendo, testemunhando as coisas que o cara vive, do que consegue efetivamente dar conta do fazer junto, de acompanhar e tal. E acho que isso tem a ver com essa precariedade, mas ao mesmo tempo, isso que parece que não é fazer nada, pra mim é muito rico. Eu comecei a trabalhar aqui na época em que estava na faculdade, logo depois que me formei entrei no (Projeto) Quixote, e entrei eu e mais doze pessoas, e todo mundo era há algum tempo formado, e eu falei: putz... Eu entrei com uma insegurança... e aos poucos fui vendo que eu tinha uma clareza muito maior do que a galera estava vivendo, do que era andar nas ruas, como era tudo isso, do que as pessoas que estavam entrando, que acho que veio com essa convivência. É isso que alimenta, de alguma forma, muito do que a gente faz, dessa articulação que a gente faz com a rede, com essas captações, as formações, que é a área que eu tenho feito mais, que eu sinto que é conseguir levar essa clareza para as outras ações, para a conversa com os outros profissionais. Às vezes funciona como essa coisa de dar a voz, de ajudar os caras a serem escutados, testemunhar o que eles estão vendo... não sei, com os usuários, é o que a gente consegue efetivamente oferecer de concreto. Isso é até uma discussão que muitas vezes a gente tem por aqui.

26'50" Isabela: É... eu não sei, quando você falou “o que é a menina dos olhos”, eu acho que não tem uma ação que seja. Acho que o paradigma da convivência é o que atravessa todas ações aqui, tanto no campo quanto aqui dentro, quanto no ResPire – que é o projeto de intervenção em festas – quanto na cultura, e acho que a convivência com outros serviços, fóruns de debates, porque a gente faz muitas ações. Acho que o fato de a gente ter autonomia de atuação e de pensamento é algo muito importante para tudo isso, é um ponto central, que causa uma precariedade, de um lado, para você se sustentar com pouco recurso efetivo... mas a gente vai poder estar aberto, sem querer convencer ninguém de nada. Acho que isso é importante.



27'50" Thiago: E eu acho que esse cuidado com o outro, de ajudar os caras a pensarem na vida deles, realmente isso não é uma coisa muito formalizada, mas acho que dentro do Espaço de Convivência, pela troca que a gente vai tendo com eles, isso realmente acontece, a médio e longo prazo.

28'10" Roberta: Uma coisa que eu fiquei pensando, disse que a Bel estava falando, e meio que junta o modo de lidarmos nos diversos espaços, acho que é uma coisa de não ser prescritivo. A gente não vai para nenhum dos espaços com uma resposta pronta, seja na convivência, seja na Crackolândia, seja no ResPire com os caras que pagaram quinientos reais para entrar na festa...

28'40" Isabela: ...você não vai com um protocolo...

28'41" Roberta: ...é, você não vai dizendo “eu sei o que vai ser bom para você”, você vai falando: “mano, eu não sei o que vai ser bom para você, vamos trocar, a minha gratificação é conseguir entender um pouquinho essa brisa que é a sua e assim poder pensar, com você, se é possível pensar um cuidado que não seja *corta brisa*”. Isso é o que eu acho que permeia todo nosso trabalho, inclusive o da articulação política. É pra mim, que venho de uma militância mais tradicional da esquerda, está sendo diferente e estou aprendendo muito ao lidar com esses espaços de articulação política com uma postura menos pragmática, que muitas vezes não tem muito claro para onde está indo, mas constrói junto. “Pra onde a gente vai? Sei lá, vamos juntos!”

29'40" Altieres: E se setores mais “tradicionais” do Estado estivessem com vocês? Pensando em Secretarias, a própria Assistência Social, Saúde... Pensando mais especificamente no caso da Saúde, como seria se vocês tivessem um respaldo maior da Saúde, no sentido de vocês fazerem uma parceria, [de] ter um lugar para encaminhar esse cara e ter garantido que esse lugar teria uma abordagem para lidar com esse cara (coerente com a redução de danos)... Se tivesse essa proximidade, esses setores do Estado atrapalhariam essa autonomia? Vocês sentem assim?

31'00" Bruno: Acho que não. Acho que teria uma potência muito grande. É o que eu acho. Isso ajudaria a gente a dar voz mais ao que a gente está percebendo, notando...



32'05" Roberta: Acho que existem parcerias e parcerias. Acho que o É de Lei tem um papel muito importante nesta rede, que, inclusive, ele ajuda a construir: tipo o Fórum Intersetorial de Drogas e Direitos Humanos, que faz três anos que toda terceira terça-feira do mês reúne pessoas de vários serviços para discutir a rede, para discutir o atendimento etc... Acho que nesse processo o É de Lei cumpre um papel que não poderia cumprir caso tivesse outras formas de parceria. O É de Lei consegue ter um papel muito importante na sociedade civil porque não virou OS Tem coisa que só a gente pode falar. Porque não temos “rabo preso”.

33'20" Bruno: A gente fala de ter rabo preso, mas o rabo é curtiinho (risos)

33'25" Roberta: Por exemplo, tem o Fórum Intersetorial de Drogas e Direitos Humanos. A Mirmilla, que era uma pessoa que trabalhava aqui, saiu do É de Lei e foi trabalhar na prefeitura, comentou do Fórum Intersetorial e a prefeitura pediu para o Fórum Intersetorial indicar alguém para essa reunião que está organizando o plano *crack* no município. E aí a gente fez uma puta discussão e decidiu indicar, mas “e aí, vamos indicar quem?”. Daí a gente viu que o único grupo que poderia representar o Fórum, como sociedade civil, era o É de Lei. Ninguém mais, dos outros serviços que estavam ali, poderia estar presente nesta reunião porque corria um risco. Tem gente que teve processo de demissão no Caps, e suspeitamos que tem relação com a participação no Fórum. Imagina ir representar o Fórum! Eu acho que tem um processo – é a minha opinião – de privatização da saúde, e os serviços – para essa população que a gente atende – ou viraram OS ou fecharam. O É de Lei foi um dos poucos que se sustentou como autônomo, e só se sustentou pela militância de quatro pessoas que aguentaram nas costas. Eu acho que tem isso, parcerias e parcerias.

35'00" Isabela: Mas eu acho que preservar a autonomia é muito importante, pelo que o É de Lei já construiu e pode construir.

As múltiplas vozes na Redução de Danos

35'15" Altieres: Entrando na questão de Redução de Danos – acho que o Vilmar pode ajudar na formulação –, a gente tem aí, então, como política nacional sobre drogas, a questão da Redução de Danos. Isso é



Lei. Uma conquista social tão importante quanto a Lei da Luta Antimanicomial, se você for pensar. Porque é um eixo paradigmático que diz que o cara deve ser atendido em qualquer esfera da saúde, estando ele intoxicado ou não, seja atenção básica, secundária, terciária. Porém, na prática, tem muito lugar que diz: “olha, o senhor não tem condições de ser atendido hoje porque está alcoolizado, está chapa-do”. E tem essa construção de vocês do entendimento da redução de danos. Então assim...

36’25”: (interrupção com a chegada com café)

36’40” Altieres: ...só retomando, a ideia é esse entendimento da Redução de Danos que vocês conquistaram... que vocês falassem dela.

37’15” Bruno: Eu vou falar, mas seria legal se o Vilmar falasse também. Eu, nesses anos, nessas diversas ações, ficava muitas vezes pensando o que aglutina tudo isso em um conceito só, quer dizer, ações em festas, ações na crackolândia, na distribuição de seringas... Aos poucos eu fui chegando em uma noção de que é a Redução de Danos que vai aglutinando tudo isso, que tem a ver não com o conjunto de estratégias, mas com a forma de lidar com as diversas questões que estão no mesmo contexto do uso de drogas, que não são casadas por ele, mas estão aí. Primeiro: um paradigma de que não tem um objetivo único – o de acabar com as drogas; em cada contexto você vai buscar coisas diferentes. O que você vai buscar vai ser construído no diálogo com esse contexto, com aquele usuário, seja conversando com ele, seja tentando entender ao máximo aquele contexto para você pensar as ações. E tem uma coisa de um pragmatismo de tentar ver o que você está fazendo, se está dando certo ou não. Então é assim que eu vou entendendo um pouco o que vai juntando tudo isso: diálogo..., pressupõe respeito – achar que o cara pode falar algo, que ele não é um zumbi, que ele tem juízo por si, quer dizer, que ele é alguém ativo na vida dele. E a partir deste diálogo você vai construindo a demanda de como chegar, e aonde chegar. E vai se reavaliando no decorrer do processo. Entendo que do jeito que a gente trabalha tem uma dificuldade de fazer essa reavaliação durante o processo, porque a gente vai, toca pra frente, faz do jeito que a gente consegue fazer, porque a gente vive uma situação meio precária... Mesmo assim, a gente tenta manter esse diálogo no meio desse processo.



39'40" Thiago: Eu perdi a pergunta.

39'45" Altieres: Era sobre a Redução de Danos. Falar um pouquinho desse entendimento de vocês sobre a Redução de Danos: se está afinado com essa política do Ministério, ou se essa política do Ministério não os representa...

40'30" Bruno: Ah, então... aí, só para ligar com isso... eu acho que está muito próximo.. quando você lê a Política de Atenção Integral ao Usuário de Drogas, de 2004, está muito próxima disso, de pensar uma perspectiva, uma forma de lidar e tal...

40'40" Vilmar: Assim... na verdade, para dialogar, fazer um contraponto com as experiências – estou em um lugar diferente no grupo, a maioria é do Centro É de Lei..., mas vou trazer umas discussões de como eu venho pensando, construindo a questão da Redução de Danos, o que me instiga mais, até mais livre aqui, de uma maneira mais tranquila, para poder falar da minha trajetória, da minha experiência com a Redução de Danos – ...é sempre nessa coisa da relação com o usuário, uma coisa no início muito pragmática, se você consegue acesso, se você consegue vinculá-lo, criar uma relação que as alternativas tradicionais de alguma maneira não possibilitavam, não queriam, ou intencionalmente era uma forma de entender que as pessoas que usam drogas teriam que ter um outro tipo de tratamento. Eu fui vivendo uma Redução de Danos bastante pragmática. Vivi momentos em que era muito bacana entregar um monte de seringas, e em outro momento que “ah, precisamos criar outros objetos, outros insumos para poder acessar esse usuário”. Acho que todas essas formas em que foi se dando a redução de danos tiveram o seu valor e tem o seu valor até hoje. Mas eu venho pensando melhor em tentar dar um corpo teórico – de que redução de danos se está falando –, porque de repente eu cheguei num momento em que via diversas pessoas falando de redução de danos de um lugar diferente e de coisas diferentes. De repente a Redução de Danos, que nasceu no sentido e no momento da questão da Aids, chamou a atenção da sociedade, abriu uma brecha em uma política autoritária, virou um questionamento de uma política internacional... e de repente, o que ela foi virando? Mais uma questão de estratégia, de um jeito de chegar? Vendo também algumas leituras da política internacional, a ideia da redução de danos lá me chamou muito a atenção: o governo suíço tinha uma ideia de que a redução de danos era uma estratégia



para atingir usuários em fim de linha. Então assim, a gente vai vendo que várias formas de falar da redução de danos falavam ainda de uma política de guerra contra as drogas, de opressão ao usuário, de exclusão. Na verdade, não tinha avançado em uma coisa que eu sempre achei... que a redução de danos fosse mais... fosse um pouco mais ampla que uma estratégia de vinculação, de acesso ao serviço, ou de uma discussão até de direitos humanos. Acho que os direitos vão para além dos direitos humanos, são direitos sociais. Estou em uma perspectiva que a gente tem que discutir o que são direitos sociais. Eu fui me perguntando o que a gente quer quando a gente vai fazer redução de danos, o objeto dela, o que a gente quer transformar, e quem a gente vê. Como é que a gente enxerga o sujeito. Eu não acredito que a gente – aí já é defesa de um ponto de vista – é imune a uma compreensão, a uma teoria... Ninguém vai neutramente diante de um usuário... não querendo nada. Acho que a gente sempre quer uma coisa diante de um usuário. Talvez a gente não tenha isso na consciência, mas a gente sempre quer alguma coisa. Às vezes, a gente vai lá com o objetivo: “o consumo de drogas deixa lá, mas eu vou pensar na prevenção de doenças, que é um dano, vou conhecer a rede”. Às vezes, eu vou ver o quanto o uso de drogas desorganiza a pessoa e como é que vou pensar formas, com essa opção livre de usar, em que ele possa ter um uso menos problemático... Fui vendo que a redução de danos se coloca, às vezes, mais no contexto do que no consumo especificamente. Fui vendo essa coisa de prevenir doenças, diminuir riscos em relação ao consumo de drogas, uma redução de danos que ampliou para a questão da promoção da saúde, ou seja, parece que esse indivíduo não é só um usuário de drogas, não é um sujeito que tem uma identidade de um usuário de drogas. O que é isto: “ser usuário de drogas”? Parece que virou uma identidade. A ideia é que ele vive em um contexto, o consumo está ligado à forma de ele viver naquela comunidade e isso... até a área da saúde pública se apoderou da redução de danos nessa perspectiva da promoção da saúde, que virou uma coisa de que é preciso cuidar do usuário de uma forma geral, aí eu cuido também desse consumo de drogas. Então eu preciso pensar condições, não existe só uma vulnerabilidade individual. Existe também falta de coisas, de condições, de políticas. A redução de danos sai dessa relação do sujeito dentro de um só lugar na sociedade. Mas aí também essa saúde pública... eu fui vendo o que foi fazendo com esse sujeito, ou seja, tirou o sujeito do lugar de frágil, vulnerável, para o de um sujeito muito poderoso, de escolha... que existe ali certos fatores que interferem no consumo, mas que esses fatores não têm uma hierarquia,



ora é o sujeito, ora é o meio. A gente foi tentando trabalhar na redução de danos em uma perspectiva mais política, e aí já trazendo meu referencial da saúde coletiva: o que a gente entende do consumo de drogas na sociedade, hoje? Por que a sociedade tem usado muitas drogas? Por que as respostas políticas têm se organizado em torno de um binômio “droga x sujeito vulnerável”? Uma visão muito simplista. Mas é assim que as políticas estão estruturadas. Acho que até em termos de subjetividade, no imaginário social, o que pesa mais como ideologia dominante – que as pessoas acabam comprando barato – é essa ideia de que a droga tem uma força e o indivíduo é fraco, é uma dupla que vem alimentando as políticas e o imaginário social. Não quer dizer também que o indivíduo é forte, suprasumo, e pode consumir o que quiser e tal. A gente começou a pensar que o problema não está relacionado só à droga, mas ao consumo de forma geral... a gente tem uma formação de subjetividade voltada para ser um ser consumidor, as mercadorias dançam. Eu tenho uma visão marxista, tem lá um fetiche, o consumidor tem na mercadoria uma forma de realização pessoal: “no consumo eu me realizo. Com a mercadoria eu me realizo”. Tanto é que a gente percebe que, independente da droga, existe uma forma compulsiva de se relacionar com as coisas. Mas a droga tem a particularidade que de uma maneira tal também responde às necessidades outras das pessoas, a gente está entendendo que não tem a ver só com a alteração da química, isso é o que se tenta dizer, que a química vai lá e...

49’36” Bruno: ...dependente químico!

49’37” Vilmar: ...é isso o que se tenta dizer, as pessoas vão buscar de alguma maneira satisfazer a necessidade de resolver as coisas rapidamente, de imediatismo, competição, *status*, poder, do ser, do sofrimento em que a vida resulta. Isso está relacionado a uma coisa maior, que é a desigualdade social que aumenta, a crise no mundo do trabalho, a perspectiva da exclusão: cada vez mais pessoas estão fora. Quer dizer, a gente traz essa coisa da classe social, ou seja, se consome drogas, se consome mercadoria, mas esse consumo se dá de modo diferente a depender do lugar, da classe social em que a pessoa se encontra. Então vai ter diferentes processos de relação com a droga, diferentes desfechos. Um exemplo é que o jovem de periferia, trabalhando para o tráfico, não vai morrer de *overdose*, ele tem uma tendência pra morrer mais porque não pagou uma dívida. Outro jovem, de uma classe mais favorecida, que ficou mal porque usou, intoxicou-se, vai a uma clínica particular.



Então, assim... só para não ficar falando muito... a questão do que a gente quer: como é que a gente quer o sujeito, como a gente vê o sujeito, como é que a gente quer transformar nesta perspectiva da redução de danos que eu estou falando. Existem várias reduções de danos, existem várias formas de você se posicionar. Não é um julgamento... em dizer esta é certa, esta é errada; cada um tem seu valor, e muitas vezes algumas práticas vão até em uma direção mais ampla, mas não fazem a leitura disso: acham que estão só reduzindo o dano da droga, mas já conseguiram que o cara arrumasse um emprego, mudasse a vida e tudo mais, e acham que estão só reduzindo o dano da droga. Então a gente vai pensando o que a gente quer do sujeito, principalmente a gente que está no Caps, e isso é uma diferença de quem está no campo; a pessoa que está lá se imbuí desse modelo de “eu sou frágil e estou me protegendo das drogas”, e então ele fica querendo que você, como profissional, o tutele, e não deixe que ele use. Isso é o que a gente vai questionar com o cara, porque a gente não acredita nisso, a gente não acredita que ele é um ser alienado pela química. A questão da alienação é você não perceber seu potencial, sua capacidade e o que a realidade está te impedindo na sua história de família, de vida, o que está dificultando para que você consiga se realizar como pessoa. É essa perspectiva que a gente vai construir com o sujeito... de um sujeito crítico, politizado, que consegue ter uma abordagem educativa problematizadora sobre o que está acontecendo na vida dele, sobre o que esse consumo significa, desde uma perspectiva boa, integralizadora, até uma perspectiva ruim. Por isso a gente fala, quando questiona o pragmatismo, que a gente está questionando isso de achar que você está conversando e não sabe aonde quer chegar. É um pouco isso... o que eu quero com esse cara enquanto eu estou conversando com ele? O que eu quero nessa relação? O que eu quero para mim? O que eu quero para o meu trabalho? Por exemplo, o trabalho no É de Lei, é um trabalho: tem organização, objetivos. Vocês se desenvolvem enquanto fazem coisas e realizam coisas, vocês são trabalhadores que vão se transformando com o processo de trabalho de vocês. Eu também no meu e tal... E as pessoas conseguem isso? As pessoas chegam nisso? Elas têm essas possibilidades? Em que sentido ela precisa se organizar para pensar também que ela não é individual, ela é coletiva, que é só coletivamente que se transforma? Essa perspectiva de você formar um cara para que ele participe ativamente das coisas. Daí a ideia do sujeito coletivo. O sujeito coletivo é o sujeito da saúde coletiva. É o sujeito que se emancipa dessa ideia de que sou o



cara livre, natural. Ninguém é livre. A gente nasceu nessa sociedade que formou a gente com essa cabeça e temos condições de vida que permitem que a gente se desenvolva ou não. Lutar por uma questão do trabalho é uma questão da redução de danos, nesta perspectiva. Lutar por uma questão da melhoria de vida, lutar para o cara ter crítica, poder participar, se inserir em movimentos...

55'10" Bruno: Nossa forma de trabalhar se aproxima disso quando a gente pensa... o É de Lei pensa em uma perspectiva de redução de danos que vai ajudar o usuário a ter uma postura mais crítica, reflexiva sobre o autocuidado, sobre a sua vida... e essa coisa da não tutela, que é uma coisa que a gente apanha bastante porque a galera pede muito para ser tutelada...

55'30" Vilmar: ...porque eles querem...

55'32" Bruno: ...eles querem. Lembro quando, anos atrás, eu fui para a Espanha e fui conhecer uma sala de uso, e me chocou muito a forma como eles trabalhavam a Redução de Danos lá. Tinham uma forma bem sanitaria de não transmissão de doenças. Eu me lembro que fui conhecer... os caras usavam heroína, e daí quando eu contei que aqui tinha deixado de ter uso de drogas injetáveis, passando mais para o *crack*, os caras falaram: "nossa, vamos fazer isso aqui! Aqui as pessoas morrem de *overdose* e esse é um grande problema, então para lidar com essa questão, para lidar com as mortes, a gente altera esse fenômeno, faz todo mundo começar a fumar pedra, daí eles não vão morrer por *overdose* na escada do serviço e pronto!"

56'40" Vilmar: Um modo perverso...

56'42" Altieres: ...não era em Portugal, não?

56'45" Thiago: O *crack* tinha chegado lá há dois anos e pouco, eles não entendiam muito bem o que era aquilo e acharam que era uma possibilidade de resolver o problema da heroína.

56'59" Bruno: Outra coisa que você estava falando e me lembrou... quando eu vou pensando o contexto, no diálogo, acho que é nessa perspectiva do diálogo, da conscientização. Acho que eu penso mais em uma reflexão junto com o cara. Quando a gente vai fazer a roda



dos Chá de Lírio, que tem até hoje, que é uma roda de debates com os usuários, é muito interessante como a galera tem uma postura bem reacionária, de ser contra as drogas, de achar um absurdo, de que tem que prender, tem que matar o noia. Às vezes o cara era noia até duas semanas atrás. E outra coisa é que no ano passado, quando a gente estava fazendo o trabalho de campo – essa coisa da droga enquanto mercadoria no mundo do consumo e da inclusão na sociedade pelo consumo – e tinha acabado de ter aquela ‘reação crackolândia’, estava tendo ainda a ação da polícia, violência e tal... daí eu estava conversando com um usuário um dia e ele me falou: “sabe o que eu tenho mais saudade da crackolândia, na época antes dessa ação com a polícia? É que lá você tinha acesso a tudo. Você vinha, comprava uma pedra e com uma pedra você podia comprar mulher, cigarro, cachaça, até o eletrônico de última geração”. Aquela coisa de poder ter acesso a tudo...

Parece [resto de] cocaína, mas é só [resto do] capitalismo?

58’30” Vilmar: Felicidade, né? O meio pra ser feliz hoje é o consumo. É a forma de realização pessoal. A vida hoje é isso. Não é, por exemplo, as boas relações, a gente poder crescer, desenvolver... E a coisa da mercadoria é uma das coisas que a gente tem trazido muito para a discussão, para tentar explicar as contradições das políticas. Por que a política proibicionista, que atua na repressão impedindo a produção, impedindo o comércio e as formas de evitar que a pessoa use, criminalizando o uso, mesmo com essas políticas já acontecendo há várias décadas em nível internacional, as drogas continuam crescendo: continua crescendo a produção, o comércio, assim como as indústrias lícitas, assim como a indústria de fármacos e psicofármacos, que têm sido um grande filé de mercado. A gente está entendendo que a questão da droga como mercadoria é o fator que une os mercados. Ela serve ao interesse do capital, da reprodução do capital, e ela gira uma enormidade de dinheiro. E hoje o dinheiro é a questão principal da busca das pessoas, do acúmulo, da propriedade e do próprio dinheiro. Não importa o ser humano e a saúde pública. O dinheiro e a propriedade vêm em primeiro lugar. Daí o fracasso dessas políticas. Como você pode pensar em uma política que não é uma política liberal? Porque não é isso. O problema do consumo é um problema grave... das formas de consumir, da realização pelo consumo. E os acessos são diferentes. Nós temos aí mil mercadorias, e o aumento da violência e tudo mais, as coisas que estão ligadas. A questão principal é o valor que (a droga) adquire para



o capital, para os capitalistas, aí não tem o que segure isso. Essa é uma contradição. Agora, como você poderia pensar em uma política que não esbarrasse na perspectiva liberal. Porque a gente está em um capitalismo que vai se valer da mesma forma...

61'30" Thiago: Você está falando de uma política de controle, não de atenção e cuidado, por exemplo?

61'35" Vilmar: Uma política mais global. Eu acredito que a droga não é um problema da saúde simplesmente. Ela é um problema da sociedade de uma maneira geral.

61'37" Isabela: E ela é um problema?

61'38" Vilmar: O consumo da droga, o comércio da droga, o enriquecimento... é um problema social.

61'50" Roberta: Eu voltaria um pouco na questão da mercadoria e do consumo, eu acho esse tema muito interessante, primeiro porque não é a toa que as drogas enquanto mercadorias são tão importantes. Bens móveis têm limites bem claros, você não precisa de trinta geladeiras. Mesmo a mercadoria que a gente mais consome, que são os alimentos, tem uma hora que você se empanturra. As drogas não têm limites. Nesse sentido, elas são uma mercadoria muito interessante e são uma mercadoria que... o Henrique Carneiro reconstrói o mercantilismo através do comércio de drogas, toda a questão da guerra do ópio, ou mesmo quais eram as principais mercadorias: café, chá, açúcar etc., tudo psicoativo. O Christoph Türcke, que é um cara muito interessante, vai falar da construção da nossa sociedade como uma sociedade dependente, no sentido disso que você estava falando: todo mundo está buscando a felicidade em algo externo, você precisa comprar alguma coisa para ser feliz, porque para a sociedade funcionar você tem que estar comprando o tempo todo. Uma pedra de *crack*, para além de uma felicidade a baixo custo, é um prazer previsto. Conheço pessoas que compram um par de sapatos e tem uma experiência de prazer muito grande no ato de comprar. Mas tenho a impressão que, no desespero pelo prazer, a pedra de *crack* é um prazer previsto, físico, e, mantendo essa lógica do consumo, a crackolândia não tem solução. Quando a gente fala da redução de danos o que mais me move, o que mais me pira a cabeça, é o campo, e é verdade que quando a gente está em



campo a gente não sabe o que a gente quer. Do ponto de vista macro eu sei. A gente quer a revolução, a transformação social, que passa por todas essas coisas, e passa por, nos debates públicos, eu me posicionar em relação a dependência dessa forma, de fazer no debate um recorte social, mas de fato ali, na hora que está ali... Eu vou contar uma história que exemplifica bastante. O Marcelo [nome fictício] é um usuário que mora na crackolândia há uns 10 anos, ele tem cinquenta anos, mas é um cara que tem padrão bastante diferenciado dos outros. É um cara que está sempre limpo, sempre arrumado, tem uma relação de cuidado com os outros usuários, vários o chamam de pai...

64'35" Bruno: ...e não é traficante.

64'36" Roberta: ...e não é traficante, é usuário mesmo, morador da crackolândia, e ele vive lá há muitos anos. Faz pelo menos quatro, cinco anos que o Thika (Thiago Calil) e o É de Lei conhecem o Marcelo, e o Marcelo nunca tinha vindo na convivência, mesmo tendo uma relação bastante próxima. Daí esse ano o Thika chegou aqui na convivência e tinha um bilhete embaixo da porta: "Oi, aqui é o Marcelo, saí da Crackolândia, o telefone é tal, me liga". A gente olhou e... foi uma festa! Uma semana de festa, todo mundo comemorando, ligamos lá, e ligamos quase todo dia para acompanhar. Ele veio para São Paulo, a Keren, que foi uma pessoa que ficou mais próxima dele, foi almoçar com ele e com o pai dela, e ela foi a Barueri e falou que ele estava na maior vida boa e todo mundo feliz. Daí, estou eu e o Thika na Crackolândia, e encontramos quem? Marcelo: magro, sujo, nunca tinha visto ele naquele estado, com um joelho desse tamanho porque tinha levado tiro de bala de borracha. A gente viu o Marcelo e... mano, não sabia o que fazer! A gente sentou na calçada do lado dele, acendeu um cigarro e falou pra ele: "mano, conta aí, o que foi o que aconteceu?" E daí ele começou a contar. Esse dia foi muito impressionante. Até hoje eu não sei o que eu quero com o Marcelo na vida. Ele começou a contar: "estava em Barueri, não tive abstinência, foi de boa..." – ele ficou três semanas...

66'40" Vilmar: Barueri, o que era?

66'42" Roberta: Uma cidade. Ele estava lá com a família dele, a família tinha arranjado emprego para ele, e ele falou: "Porra, comia, ia na piscina de tarde, assistia televisão e dormia, era ótimo". Ele estava nesse ponto da conversa e, nesse momento, aconteceu uma confusão



na nossa frente, uma cena, um usuário tropeçou no outro, xingou, mexeu e foi engraçado, e, espontaneamente nós três olhamos a cena e começamos a dar risada. Daí, nesse momento, o Marcelo olhou pra mim e pro Thika e falou assim: “Mas eu amo esse lugar”. Imagina o que é ser um ex-noia... Se você morou dez anos na Crackolândia, você pode ter a família estruturada que te ama, que te dá carinho, conforto, televisão, comida... você sempre vai ser o ex-noia, entendeu? Na Crackolândia ele tem o *status* de pai, ele fala com todo mundo, é respeitado como dificilmente será em outro lugar...

67'30" Vilmar: ...mas ele está ali porque está marcado por ser noia ou ele construiu ali relações que fazem mais sentido para ele?

67'35" Roberta: O Marcelo não é um dependente de *crack*, acho que ele é um dependente da crackolândia, entendeu? Como muitas pessoas...

67'50" Vilmar: As relações fizeram mais sentido para ele do que toda a vida que ele tinha, que era “normal” e...

67'52" Roberta: Exato. Muitas vezes você encontra pessoas que não conseguiram ser aceitas, ser um igual, pertencer a um grupo... e ali na crackolândia cabe todo mundo... O que eu acho mais interessante disso, e um dos maiores desafios da redução de danos, é o seguinte: por que todo mundo vira evangélico? Porque é um outro espaço tão aberto quanto. Qualquer um pode virar evangélico. Acho que o grande desafio é a gente fazer espaços tão acolhedores e tão amplos quanto a crackolândia...

68'57" Thiago: Então, queria voltar a uma questão do campo quando você disse que não sabe o que quer para o Marcelo. Eu nem quero saber o que eu quero para o Marcelo. Acho que ele é que tem que saber o que ele quer para ele. Eu imagino que o nosso trabalho no campo, a relação que a gente criou com ele nos últimos quatro ou cinco anos, em nossa concepção de redução de danos, é pensar uma postura frente ao uso, como a pessoa pode se cuidar, como ela se percebe no momento dela e como ela se percebe usando, e criar formas de cuidar; e acho que com o Marcelo a nossa relação de longo prazo proporcionou isso, a gente não vê ele fumando toda hora... então, nesse sentido, o que eu quero em relação à redução de danos com as pessoas com que a gente trabalha é isso, as escolhas é ele quem vai fazer né...



70'00" Bruno: Então, eu acho que é isso... que tem isso de querer, de mostrar que é possível de outra forma, dialogar com o usuário para que haja uma aceitação de outros modos de vida. Acho que tem um querer ali.

70'05" Vilmar: É, alguma coisa você produz, senão você fica achando que é um ser neutro no mundo.

70'15" Isabela: Eu queria falar um pouco da perspectiva de redução de danos que eu aprendi aqui. Na verdade eu nunca estudei a redução de danos, eu vim da TO e aprendi aqui, vendo o trabalho. E o que mais me encantou foi uma ética, não é nem a dimensão política da vida prática, mas uma ética que tem a ver com poder acolher o outro com o que ele quer, com o que ele pode escolher. Acho que é isso que a gente vive muito aqui. Você falou que o centro de tratamento tem uma pauta, que quer algo para usuário, que pode propor para ele... o Rogério [*nome fictício*], outro dia, em uma conversa, ele veio... porque aqui a gente não é um centro de tratamento, por perceber que aqui ninguém está oferecendo um serviço pré-determinado para eles e tal..., ele estava editando, ele fez uma oficina de edição e eu estava trocando ideia com ele de quanto foi legal o trabalho na edição, que poderia ser alguma coisa que ele poderia fazer, e aí ele ficou interessado e disse: “mas sabe o que é, para eu poder fazer alguma coisa eu preciso aprender a lidar com o dinheiro, você não conhece um lugar para me indicar que me ensine a lidar com o dinheiro?”

71'08" Vilmar: Se você souber, me indica também, porque eu tenho que espalhar isso; se a humanidade resolver isso... (risos)

71'12" Isabela: Sim, mas olha onde ele chegou: “não, quando eu tenho dinheiro eu gasto tudo no *crack*, então é melhor eu não ter, essa foi minha solução”; quer dizer, para ele chegar nesse pedido..., se for pensar no sentido de um projeto terapêutico, é um pedido elaborado. Não sei o quanto ele conseguiria fazer esse pedido num lugar que teria um serviço específico para ele...

71'58" Altieres: Então... mas assim... eu que estou nesse lugar de pseudo-mediador, por uma questão de ordem, como se diz no ramo das assembleias, são 19h51m. Nosso teto é...

72'00" Isabela: oito e meia.



72'30" Altieres: Eu queria puxar algumas questões. Entendo que tem essa leitura, até indo para o lado da esquizoanálise, entendo que tem essa leitura que estamos conversando, sobre duas faces do consumo das drogas. Uma face é a macropolítica, são as estruturas maiores. Estava comentando, eu gosto do Zizek, e ele fala que “a gente concebe claramente o fim do mundo, uma catástrofe nuclear, mas não concebe o fim do capitalismo”. Acho que não existe redução de danos ou política “ética” de respeitar o usuário na sua relação de consumo com a substância se não envolver duas coisas: primeiro, uma revisão da legislação, acho que é evidente isso, e em um segundo momento é, sim, rever a própria relação do capitalismo. As drogas estão aí na humanidade desde que o mundo é mundo, isto é ponto de consenso, lugar comum. A questão é que o dinheiro, enquanto poder simbólico, ele aparece de um jeito mais forte a partir do século 19 e 20, quando coincidentemente as drogas começam a se transformar em um verdadeiro problema da vida burguesa, da vida privada – vamos dizer assim –, desde os vícios elegantes do começo do século até a questão do *crack*. Aí, sobre a questão do *crack*: seria o *crack* um *boi de piranha* para a sociedade não encarar o problema das drogas, envolvendo as outras drogas? Os alucinógenos, os canabinóides como a maconha, a própria cocaína, os opiáceos... Não seria o *crack*, em termos de subjetividade, o *boi de piranha* disso aí, da direita, o argumento que a direita... – vamos supor que exista uma direita, que exista um inimigo... com uma esquerda dessas, quem precisa de direita, né? –, mas vamos dizer que tenha lá um inimigo com os titeres: seria o *crack* um jeito de dizer que enquanto o pessoal está se digladiando com os zumbis, algumas questões sérias passam goela abaixo. É um momento histórico, o Ronaldo Laranjeiras, o fato de termos mais de 1800 comunidades terapêuticas para um país que tem menos de 1800 Caps, é um ponto... o projeto de Lei do Osmar Terra, aprovado ontem em surdina, na maior calhordice, enquanto a gente conversa sobre o *crack*..., essas outras coisas passam despercebidas, esse hedonismo (aí sim) das festas eletrônicas – como é que é, vai tomar 10 balas, vai gastar R\$500 em uma festa de música eletrônica? E, por fim, uma questão de urbanismo mesmo: teríamos a crackolândia se não tivéssemos tido a degradação do centro [de São Paulo]? Quem veio primeiro? Veio a crackolândia e degradou o centro? Ou veio a degradação econômica do centro, do próprio passeio público como espaço de convivência – e isso só podia aparecer na crackolândia? Não sei, é uma metralhadora: vou atirar para todos os lados e colocar meus pensamentos, vamos ver o que vem.



76'56" Vilmar: Até seguindo sua pergunta, acho que é pertinente... o que eu estou tentando dizer é que aqui a gente precisa pensar para além da droga, para além do *crack*. O que é pensar para além do *crack*? Pensar que as pessoas tem necessidades que não estão ligadas somente à necessidade de usar drogas. Há a necessidade de ser cidadão, de ter possibilidades em uma sociedade que os enxergue como pessoas que são capazes... Na verdade, a crackolândia é uma espécie de denúncia dos excluídos, é um lugar como existem vários em São Paulo...

77'40" Roberta: Eu gosto mais da ideia de uma *rave* pública...

77'43" Vilmar: De uma certa forma. Ali a ideologia dominante – eu prefiro chamar assim do que chamar de direita, porque a esquerda também é... porque assim..., acho que tem esse pensamento de que o problema da droga perpassa esse imaginário social, inclusive dos próprios usuários, porque ali há problemas gritantes que denunciam essa desigualdade social, que é a falta de condições globais para a gente viver. E eu não acho que ali tem gente de classe alta. Tem um, tem dois. Três. A maioria das pessoas são de outras... são pessoas excluídas. E acho que a questão do *crack* serve como um prato cheio para a justificativa de intervenções repressivas sobre pobres, sobre grupos excluídos denominados usuários de drogas. Até o que existe no imaginário das pessoas usuárias de *crack* que é... parece assim, que o usuário virou uma coisa geral, generalizada, de um cara que está lá, refém da substância, envolvido com a marginalidade, que não tem mais perna para sair, então alguém tem que ir lá e pegar ele. Não estou dizendo que os programas de redução de danos fazem isso, né, estou dizendo que a visão...

79'10" Roberta: Acho que isto está além dos usuários de *crack*, o Estado sempre teve um bode expiatório pelo qual pudesse passar por cima dos direitos humanos, pudesse ocupar a casa das pessoas, pudesse entrar na casa das pessoas, matar um, destruir tudo...

79:20" Altieres: A própria ideia da vacina, né...

79'25" Roberta: Em um primeiro momento era porque era macumbreiro, em um segundo momento porque era comunista, em um terceiro momento porque é ou usuário ou traficante, mas é isso, o Estado sempre tem o motivo. O Zaccone, aquele delegado lá no Rio de Janeiro, estava falando que dos vinte países que tem pena de morte no mundo



(exceto a China), os vinte países mataram em 2011 cerca de 676 pessoas. O estado de São Paulo e o estado do Rio de Janeiro, em 2011, matou 971, a polícia matou novecentas e tantas. É o nosso bode expiatório. Então na questão “quem vem antes”, se é o ovo ou a galinha, acho que antes vem a opressão aos mais fracos. Acho que é o Henrique Carneiro que estava falando que a maconha era tão parte da cultura negra quanto jogar capoeira. A proibição da maconha nos Estados Unidos tem a ver com os mexicanos, a proibição da cocaína tem a ver com os negros e o ópio com os chineses. Acho que o *crack* entra nesse bolo, porque de fato tem uma questão social bem demarcada. Tem uma complexidade que transborda isso. Acho que do ponto de vista da disputa da política pública, da disputa pelo macro, é isso, tem que fazer o recorte social, tem que falar que está oprimindo os que estão mais embaixo, mas eu acho que do ponto de vista da subjetividade é que entra essa questão da mercadoria que você falou, que é um negócio muito além das classes mesmo...

81’00” Vilmar: Então, queria só dizer mais uma coisa, a questão do prazer... que você falou, e realmente é real o que você falou. O Jurandir Freire Costa e o Joel Birman – que são psicanalistas – trazem uma discussão de que o ideal, hoje, da busca pelo consumo é o ideal do prazer corporal e sensitivo. Se busca muito isso..., aliás desde os primeiros anos as crianças só vão se realizando no sentido do imediato, do que dá prazer agora, do que realiza agora. A gente vai perdendo esse processo da reflexão, da crítica, do pensamento, de entender o nosso lugar. Assim..., acho assim que..., quando eu estou falando dessa forma eu me posiciono assim no Caps e em todo lugar onde eu estou. Acho que tenho muito mais a fazer do que só ficar preocupado se as pessoas param ou não de usar a droga. Lógico que às vezes parar de usar a droga é um bem, às vezes não. Então eu vou fazer esse diálogo com a pessoa. Isso não é desconsiderar a pessoa, muito pelo contrário. É entender que ela é um ser criativo, que pensa, que pode dialogar com você, que pode construir coisas junto com você. Nesse sentido, a gente vai para uma abordagem mais problematizadora, dialógica, não tem sujeito e objeto. Existe sujeitos que estão em lugares e condições diferentes que precisam ser considerados pelas suas condições particulares.

82’20” Roberta: Minha questão é pensar a busca pelo prazer imediato como uma questão mais crítica em relação ao mundo. Isso faz sentido também, isso faz sentido para todos nós. Mas acho que a questão da



dependência, a questão do consumo, estão muito mais ligadas com a troca da busca do prazer em algo externo (em uma mercadoria) para tentar buscar o prazer em outras coisas. Mas também acho que tem uma abordagem muito dura, e é pelo mesmo motivo que a esquerda tem dificuldade em lidar com a legalização das drogas, com o direito ao prazer, que é não entender que o prazer faz parte. Isso talvez seja buscar o prazer sem que seja numa coisa externa, sem que seja uma mercadoria...

83'00" Bruno: A gente mal falou de dependência..., a gente podia ficar horas falando sobre isso, pensando nisso. Ao pensarmos nesses usos, não acho que só a noção de prazer ou dependência é suficiente para explicar isso aí. Eu vejo que as pessoas vivem quase que uma saga pessoal... que, esse medo..., acho que concordo quando você fala que quem está lá são os mais pobres, mais precarizados, mas acho que é um lugar que aqueles que habitam, que estão lá o tempo todo, são aqueles que romperam com muita coisa, passaram pela prisão, saíram da prisão, não conseguem emprego, não são aceitos mais na casa da família, são aqueles que vivem lá. Mas tem muita gente que paira pela *crackolândia*, passa um tempo lá e vai embora... e daí tem muita gente de grana que vai lá só para fumar, só para comprar sua pedra e ir embora. Tem um fascínio pela crackolândia ali que não é só pelo prazer, pela intensidade do *crack*, e acho que isso é que pega a classe média, pega todo mundo em relação ao crack, qualquer um pode ser pego por isso e virar noia... de repente seu filho gordinho que está indo para a faculdade, ele pode, em dois, três meses virar nóia...

84'35" Thiago: Uma vez, fumou uma vez e virou...

84'36" Bruno: ...Eu estava pensando quando a gente falou do PL (Projeto de Lei Osmar Terra), tem uma noção de droga que paira muito descolada dessa droga que a gente está falando aí..., e acho que muito disso que as pessoas flertam e vivem... Tipo, ontem, na discussão do PL... eu assisti uns pedaços... falavam: o crack vicia em 8 segundos. Umás coisas cada vez mais absurdas! Acho que as pessoas vivem uma relação com essa droga, com essa coisa. E parece que o flerte com o *crack*, com a *crackolândia*, com esse fracasso, com a exclusão, eu estou vendo que muita gente vive... – eu tenho experiência pelo É de Lei e pelo consultório –, que tem grana, eu vejo gente que tem a maior grana e que vai, e que é a vivência de como ele vive o fracasso, como ele



vive o sofrimento, como ele vive a derrocada, em que tudo está dando errado, e ele vai na crackolândia..., o que se experiência com o *crack*, com essa intensidade que vai além do prazer, que tem uma experiência de falta de controle, de estar dirigindo sua vida sem saber para onde está indo. E perder o controle é se levar para a crackolândia, ao *crack*...

86'13 Isabela: Quando você fala que são os excluídos que estão ali, eu não entendo que tem incluídos e excluídos. Acho que tem uma política de exclusão que vai segregando as pessoas... qual a diferença do cara que está na crackolândia do que está tomando rivotril com vinho à noite, e mau?

86'30" Vilmar: Um é excluído e outro não é excluído. Acho que a gente pensa diferente, então.

86'40" Roberta: Eu penso de um terceiro jeito, acho que as pessoas da crackolândia estão inseridas socialmente na sociabilidade delas...

86'45" Thiago: É..., para quem excluídas, né?

86'50" Bruno: Quem sabe no mundo dos direitos eles estão excluídas.

86'51" Isabela: Mas tem um poder social da crackolândia, até maior às vezes... Agora estou pensando que tem isso da urbanização... que faz sentido você falar... que não é nem de uma degradação do centro, mas de um modo de viver que é muito mais individualista e privado, que a gente não vai tendo espaço público para compartilhar, a não ser espaço de consumo, e a rua se torna um lugar onde não tem convivência e troca. E aí ela fica abandonada, não é o lugar de ninguém, que não é de todos, e onde pode acontecer isso.

87'40" Tiago: Mas eu acredito que... talvez a crackolândia como aquele espaço urbano influencia no uso das pessoas que estão ali, no padrão de uso, na forma de se relacionar com a droga. Ontem mesmo um rapaz falou pra gente: "cara, eu fumo pedra aqui quando eu não estou cozinhando, quando eu não estou indo atrás de reciclagem, quando eu não acho coisas para fazer". Eu pensei que se ele tivesse outras possibilidades, no ambiente em que ele está, talvez ele fumasse menos. É um lugar que não oferece nada para quem está ali. Aliás, só oferece coisas negativas de implicação de saúde, de cuidado...



88'20" Bruno: Acho que oferece essa sensação de estar incluído em um grupo.

88'30" Vilmar: Eu acho que cabe... a gente ter pontos de vista diferentes. Eu acho que às vezes beira o romantismo, um lugar onde as pessoas estão lá, se encontram... Eu não acredito nisso. Eu defendo um lugar na sociedade, que existe desigualdade social, existe exploração, isto é concreto mesmo. Existe no imaginário social que as pessoas vão se colocando mais no lugar da competição, de ser bom, de ser melhor. Quando não conseguem, e se reconhecem como fracassados na sociedade, é que existe essa coisa da exclusão, da exclusão do trabalho, por exemplo. O trabalho é um grande exemplo. Tem pessoas que nem pensam um dia em ter um trabalho, porque não cabe mais no imaginário delas um dia ter um trabalho. Eu, até retomando a vertente marxista, acredito que o trabalho é fundamental, ele que é a base, que nos funda, que nos faz, a gente constrói algo e transforma o mundo. Acho que assim como a gente fez o capitalismo a gente também pode mudar o capitalismo. É lógico que isso não acontece do dia para a noite. A gente também está num determinado momento da nossa vida, da nossa sociedade em que ela coloca assim: como é que vou me realizar como ser humano? O que é ser feliz nessa sociedade? Qual é a felicidade que eu tenho? Existe um esvaziamento que não é só material, existe um esvaziamento do sentido das nossas relações. Acho que o fundamental que nós temos somos nós, são as nossas realizações. Nesse sentido eu concordei com vocês no exemplo que ela trouxe... o que talvez foi mais importante para o Marcelo? Talvez essa relação que fez sentido para ele...

90'40" Bruno: É, eu quero falar, você falou do romantismo, de uma defesa, eu acho que tem uma diferença entre a gente estar defendendo que a crackolândia exista do jeito que ela é, e outra coisa é perceber o que está levando as pessoas lá. Não acho que tem uma defesa de que ela seja daquele jeito. Acho que tem até uma postura nossa de buscar que a crackolândia não seja daquele jeito. E eu concordo que tem uma experiência de exclusão, de fracasso, de não participação nas outras áreas para fazer parte de lá. Acho que não tem uma escolha assim: pô, eu poderia ser executivo mas eu quero ser noia... Eu acho que tem uma experiência de falta de possibilidade, de não conseguir chegar em outros lugares que parecem ser desejados.

91'20" Vilmar: Não é só escolha pessoal...



91'22" Bruno: Não é só escolha pessoal...

91'23" Isabela: Mas há uma escolha também.

91'30" Bruno: Não sei onde que parece uma defesa. Não tenho uma defesa de que a crackolândia seja desse jeito, que é bonito. Acho que tem muito sofrimento e até um trabalho de a gente tentar fazer com que não tenha tanto sofrimento. Mas também acho que é diferente de uma perspectiva de tentar converte-los em militantes por alguma coisa, entendeu? Acho que aí tem uma diferença na forma de olhar e trabalhar essa problematização e essa reflexão com eles. Acho que a gente vai vendo que muitas coisas atraem esses usuários para a crackolândia, e nos resta estar ali e conversar. Tem usuário que chama aquilo de buraco negro. Tem usuário que chama a crackolândia de Disneylândia. Quer dizer, tem coisas muito diferentes. E acho que é isso... Não tem uma defesa. O principal que eu queria falar é que não tem uma defesa dessa forma. Acho muito interessante você ter falado isso porque não é a primeira vez que alguém escuta a gente falando e parece que a gente está defendendo a crackolândia, que ela seja do jeito que ela é, ao tentar descrever o que a gente vê lá, entendeu?

92'40" Thiago: Nossa postura não é que a gente defende ela como ela é, a gente entende que é preciso olhar para ela de uma forma mais ampla, a ponto de tentar entender o que leva as pessoas até lá, como elas se relacionam lá, como elas se relacionam com o *crack* lá ou sem o *crack* lá, para poder pensar outras formas de tentar tornar o ambiente mais saudável, mais confortável para as pessoas que estão lá. Eu levo isso como exemplo, no ano passado convidaram a gente para um evento em Brasília, engraçado o nome do evento: “Encontro de Especialistas para Pensar a Política Pública Sobre o Crack”. Chegando lá era um monte de acadêmico, profissionais de saúde que não tinham nenhum contato com quem estava na rua... Entre os supostos especialistas foi unânime que precisaria conhecer, chegar mais perto dos...

93'50" Roberta: ... reais especialistas...

93'51" Altieres: ...que são os usuários...

93'52" Thiago: ...a gente vive na pele, a gente está lá, a gente põe a nossa pele lá, a gente empresta nossa pele um pouco para o lugar deles,



mas é outra pele. Tenho total clareza que a minha relação com isso é outra. Quem realmente vivencia isso, as coisas boas e as coisas ruins – tem realmente coisas ruins, mas também tem coisas boas e ricas nesse contexto – é que passa invisível...

94'00" Roberta: Por isso que quando a prefeitura perguntou pra gente o que devia ser feito na crackolândia, a gente disse: não, a gente não vai falar! Se vocês quiserem, a gente marca um dia de campo, a gente vai com vocês... mas vamos perguntar para os usuários o que eles querem.

94'20" Bruno: Eu quero falar uma coisa. Acho que esse diálogo com a conscientização... das pessoas lutarem pelos seus direitos, pelas possibilidades de se inserirem, conseguirem trabalhar e coisa assim... há uns dois anos atrás a gente estava indo para a crackolândia e estava tendo o rapa com a GCM tirando todo mundo, enxotando trezentas pessoas em direção à Rio Branco, para eles poderem lavar, jogar água no chão..., e aí um dos noias falou: “vamos fazer uma passeata e vamos fechar a Rio Branco”. E eles riram, foram andando, fizeram a procissão deles e voltaram para o mesmo lugar. Mas eu fiquei pensando: e se essas caras realmente quisessem fechar a Rio Branco? Quem sabe a gente está em um ponto de tentar mostrar que eles também são o outro que tem voz.

95'30" Altieres: Como mediador, eu informo: são oito e quinze. A gente está no teto, é isso?

95'48" Vilmar: Uma palavra final, ao menos para agradecer. Eu achei bastante rico, são pontos de vista, modos de olhar, ninguém está falando da prática um do outro, são formas de a gente entender... mesmo lá eu estou no Caps e, em qualquer lugar que eu estou, toda hora eu estou vivendo, pensando, sentindo que estou fazendo as coisas, questionando o trabalho que a gente faz. Então assim... todo lugar tem algo que acrescenta. Foi só um exercício de a gente trocar experiência da forma que a gente está formulando a nossa experiência, a de vocês. Eu dou o maior valor, e em nenhum momento está sob julgamento a prática de vocês. São só algumas coisas que vêm me inquietando socialmente... por exemplo, eu fico pensando hoje que do lugar da saúde dificilmente a gente vai conseguir uma transformação na perspectiva que eu defendo, qual seja a da saúde coletiva. Se eu estou defendendo melhores condições de vida e trabalho e diminuição das desigualdades e exploração do trabalho, não é na perspectiva da saúde, conforme



referiu o Professor Stotz, em uma apresentação ao grupo de pesquisa do qual faço parte, na Escola de Enfermagem da USP. Tem que ser em outras secretarias, numa perspectiva intersetorial, em outros lugares onde a gente faça fluir uma política que olhe para as condições diferentes de viver das pessoas, e porque, por exemplo, o tráfico vira um lócus de trabalho... e assim olhar para as contradições que aparecem na sociedade. É nesse sentido. Mas eu aprendi muito com vocês e queria agradecer mesmo...

97'20" Thiago: Só vou encerrar com uma fala do prof. Marcelo Magalhães, de Salvador, que falou em um evento em que nós estávamos, depois de falar da resiliência das pessoas que estão na rua há anos e resistem, estão vivas, ele encerrou o discurso dizendo que a gente precisa aprender a tentar cuidar das pessoas da forma que elas se sentem cuidadas, da forma que elas querem ser cuidadas e não da forma que a gente quer cuidar. E isso, acho, é uma coisa que a gente ainda não consegue fazer, não digo o É de Lei, acho que o É de Lei tenta fazer isso, mas como sociedade, como políticas de cuidar dessas pessoas a gente tenta fazer de um jeito sem tentar escutar essas pessoas, sem entender a realidade delas, o contexto delas. Mas acho que essa é uma frase que marcou, tentar cuidar das pessoas como elas... da forma que elas se sentem cuidadas, da forma que elas querem ser cuidadas e não do jeito que a gente quer...

98'30" Bruno: Eu acho muito rico a gente dialogar desse jeito para mostrar as formas diferentes de olhar, de pensar. Acho que isso traz práticas diferentes que são supercomplementares, que esses diversos olhares, no mundo em que a gente vive... a gente tenta cuidar, cada um de um jeito... Mas tem muita gente que não está tentando cuidar, está tentando fazer política, vender, ganhar dinheiro, converter...

99'00" Isabela: ...vide comunidade terapêutica...

98'35" Bruno: ...e a gente vai em uma coisa muito reativa, e a gente sai de uma postura reativa de dizer "existe outra forma, existe outra forma" e a gente pensar: não, mas que forma é essa, o que a gente está fazendo?

99'35" Roberta: Então eu vou terminar com uma história. Vou falar do John [nome fictício], que foi mestre de capoeira na Bahia, toda família dele é mestre de capoeira, rasta e não sei o que... ele, em uma roda



de capoeira lá na Bahia... tinha um aluno dele jogando com o aluno de outro mestre, o aluno dele estava ganhando, daí o outro mestre tirou seu aluno, foi jogar contra o aluno do John, e o jogo terminou com o aluno do John desmaiado com uma bênção (golpe) no peito; o John desarmou o berimbau dele, colocou no pé de todos berimbaus, e era uma roda de mestre de nove berimbaus, e isso significa: estou indo para o pau, estou indo comer sua cabeça, entendeu? O outro mestre ficou na roda, ele entrou na roda e deixou o outro mestre paraplégico. O John foi expulso da Federação de Capoeira, virou trecheiro, saiu rodando o Brasil. Ele tinha um rasta que ia até o joelho e rasta é um negócio que vale muito dinheiro. Então, quando faltava uma grana, ele cortava um pedaço, vendia e continuava o trecho. Aprendeu a usar *crack*, foi parar na crackolândia. Hoje ele vive de fazer briga de rua, ele entra nesses campeonatos de rinha clandestina. No último campeonato em que jogou ele ficou em 8º lugar. Ganhou uma carroça, dois tênis, uma bicicleta e quinhentos reais. Então é assim que ele vive. Ele treina. O dia em que a gente descobriu que ele tinha 43 anos a gente ficou assustado... É um cara que cuida de todo mundo lá. Um dia eu estava conversando com ele, e ele estava contando da casa dele, da família que mora em uma casa colonial com doze quartos, e eu perguntei: “mas por que você não volta pra lá, visitar seu pai?” E ele respondeu: “porque eu tenho vergonha”. Nessa hora eu parei: tem vergonha, beleza. Na minha cabeça, no meu pré-conceito: noia, na rua, tem vergonha. Daí ele viu que eu tinha achado que era isso, e virou pra mim e falou: “não, eu não tenho vergonha de estar na rua, não tenho vergonha de ser noia, tenho muitos irmãos, o problema lá em casa não é esse, não é isso que pega. O que pega lá em casa é eu não ter rasta. Estou tentando comprar o rasta daquela travesti ali, que custa R\$700. Eu posso chegar em casa sendo noia, morador de rua. Não posso chegar sem cabelo porque meu pai não me aceita.” A inserção social desse cara, a suposta inserção – porque ele é muito inserido na crackolândia, ele cozinha para todo mundo e tem um claro papel de liderança – ...a inserção desse cara passa por ter rastafári...

101'41" **Thiago:** ...inserção na família, né?

101'42" **Roberta:** ...é, a volta dele para o lugar que já foi dele...

102'30" **Altieres:** Minhas considerações finais: gosto de pensar o *crack* como a raspa do capitalismo. A cocaína caiu muito bem para o capitalismo, o cara cheira, fica elétrico, vence, é o *status* do vencedor.



É uma substância que não deixa rastros como a maconha, com demais sintomas físicos, exceto uma coriza que é minimizada. E o ritual do co-cainômano: não se cheira mais com espelhos, giletes, ou seringas de ouro – como eram utilizadas para injetar, seringas feitas por ourives, inclusive. No começo do século 20 tinha essa coisa de criar uma joia para você injetar alguma substância; se usa cocaína com carteira, cartão de crédito, e o costume peculiar de enrolar uma nota de dólar. Esse é o fetiche. Parece que o que escapa ao ritual do capitalismo é o *crack*, essa coisa de poder ser comprado a R\$2, R\$5, o valor de uma Brahma, com o potencial de deixar o sujeito muito mais eufórico do que com uma Brahma.

Acho que nossa conversa vai muito nessa linha de encontro. Toda resistência é resistência psíquica. Acho que o cara estar lá (na crackolândia) é também uma forma de resistência, por mais que a gente tenha essa questão do olhar e do cuidado. Assim como a greve de fome é uma estratégia de resistência sempre questionável, qual é o limite em que se intervém ou não intervém. Esse episódio de Guantánamo diz muito a respeito disso: a violência de injetar a sonda (de alimentos) nos caras. O cara tem direito de fazer greve de fome, se a gente pensar que cada um é dono do corpo, assim como o cara tem direito de usar uma substância até sua (última) consequência, um veneno etc. Então acho que essa conversa sobre ética, a redução de danos enquanto uma ética... Acho que a [potência da] clínica era uma [potência] ética. A grande sacada da clínica era você permitir que o sujeito entrasse em contato com aquilo que era dele e não importa quem intervisse; acho que é assim que a redução de danos pode contribuir. É uma clínica urgente. E aí, assim, agradecer essa riqueza que a gente teve aqui e pedir a autorização de vocês para que a gente escreva isso e, em um plano b, para que a gente disponibilize esse conteúdo de áudio em uma espécie de site – eu pensei naquele *soundcloud*. A ideia é fazer disso uma espécie de *podcast*, aqueles programas de rádio que o sujeito pode acessar, ouvir... eu não sei como essa ideia parece para vocês, mas para deixar como fechamento acho que era legal gravar isso também.

105'30: Risos, abraços, trivialidades, cordialidades e despedidas.